



### O MENINO EU MESMO

— Se a mamã me contasse uma historia, era bem bonita — dizia uma noite o Carlinhos.

A mamã fez-lhe a vontade.

— Era uma vez um menino que só estimava verdadeiramente um menino seu conhecido, o qual tinha cabellos louros e olhos azues.

— Já sei — atalhou rindo o Carlinhos — sou eu mesmo.

— Adivinhaste: é do Menino Eu Mesmo que o Carlinhos gosta mais. Parece não estimar a sua manasinha, porque nunca lhe empresta os seus bonitos. Parece que tambem não tem grande amor á sua mamã, porque quando ella lhe diz: «Vae-te deitar, que é tarde» — o Menino Eu

Mesmo responde: «Não quero». O Carlos antes quer agradar ao Menino Eu Mesmo do que á mamã e á manasinha.

— Não torno a preferir o Menino Eu Mesmo — declarou Carlos; e depois de beijar a sua mamã, foi direitinho para a cama.

No dia seguinte, a mamã deu a Carlos um tostão novo para comprar uma pella.

O pequenito sahio com a mana e com a criada, enlevando-se de quando em quando na moedasilha de prata que levava na mão. Sem querer, recordava-se do que lhe dissera na vespéra a sua mamã, isto é, que só estimava verdadeiramente o Menino Eu Mesmo.

De repente, o nosso Carlos viu uma rapariguita sósinha e chorando debaixo d'uma arvore.

— Que tens tu, pequena? perguntou a criada.

A desventuradinha mal podia fallar, porque os soluços embargavam-lhe a voz.

— Perdi do dinheiro... — balbuciou ella. — A minha mãe deu-me um tostão para ir comprar pão... mas os gaiatos empurraram-me, cahiu-me o dinheiro... e não o acho!

E a pobresinha desatou de novo a chorar.

— Então porque não vaes pedir outro dinheiro á tua mãe? — perguntou a criada.

— Ella não tem mais... E desde hontem que não comemos nada... Valha-me Deus!

O Carlinhos puxou pelo avental da criada, dizendo-lhe: — Porque não dás alguma coisa a esta pobresinha, para ir comprar pão?

— Esqueceu-me o dinheiro, menino.

Os dois manos continuaram a andar, seguidos pela criada. Chegaram a uma loja de brinquedos, cujo mostrador estava repleto de bonecas, de chicotes, de bolas de borracha, etc.

O Carlinhos mostrava-se muito preocupado. Voltou a cabeça e viu a rapariguita ainda no mesmo sitio e a chorar.

— Voltemos para traz — disse elle á criada, puxando-lhe pelo vestido.

— Pois sim, menino; mas primeiro compre a sua bola. Está mesmo á porta da loja.

O Carlitos poz-se nos bicos dos pés para dizer ao ouvido da criada:

— É que desejava dar prazer áquella desgraçadinha, sem me importar com o *Menino Eu Mesmo*.

A criada comprehendeu. O pequenito lançou um ultimo olhar para a vidraça dos brinquedos, e dirigiu-se a correr á pobresinha que chorava.

— Toma lá — disse-lhe elle, dando-lhe o tostão — é para ti e não para o *Menino Eu Mesmo*.

A rapariguita começou a sorrir por entre as lagrimas. Quiz dizer: obrigada! — mas a commoção não lh'o permittiu.

— Anda, vae depressa comprar o teu pão — disse-lhe a criada, muito satisfeita.

Mas o Carlinhos estava ainda mais satisfeito. Quando voltaram para casa e a mamã soube da historia do tostão, deu muitos beijos no seu filhinho e perguntou-lhe:

— Então o meu Carlos está contente?

— Muito; porque d'esta vez não dei prazer ao *Menino Eu Mesmo*!



## A LIÇÃO DA BONECA

«Venha cá, minha menina,  
P'ra lhe ensinar a lição  
Não seja má e rabina,  
Esteja com muita attenção.

Está quasi uma mulhersinha  
E ainda não sabe ler!  
Ai! que vergonha, Emilinha!  
O que hão de as outras dizer!

Ora vamos começar;  
Diga lá: *A B C D*  
Não esteja olhando p'ro ar,  
Aliás não chega ao *Z*.

Aprenda agora as vogaes;  
São cinco: *A E I O U*  
Tão trahida! é de mais!  
Já não a trato por *tu*!

Sou tola em dar confiança  
A meninas sem memoria;  
Se me toma por creação,  
Vou buscar a palmatoria.

Tenha juizo, ande lá,  
Diga as letras com geitinho;  
Mas se não passa do *A*  
Não lhe dou logo um bolinho.»

Mas a boneca teimava  
Em ficar silenciosa.  
Cuidando que ella zombava,  
A professora zelosa  
Reprehendeu-a severa,  
E sem lhe dizer — espera!  
Deu-lhe uma boa tosa!

MATTOS MOREIRA.

## O CARVÃO

(Conclusão)

Dentro em pouco recebi do meu professor uma extensa carta. O bom do velhinho queria consolar-me de não ter ido, fazendo uma exposição minuciosa de quanto na mina merecia a attenção de um sábio. Infelizmente o pouco tempo de que dispunha não lh'o permittia. Não tendo encontrado em S. Pedro da Cova o engenheiro a quem se dirigia, voltou atraz, a Buarcos, a visitar as minas do Cabo Mondego, com intenção de voltar depois novamente a S. Pedro da Cova, onde deixára aprazado o encontro com o engenheiro.

O jazigo de carvão em Buarcos é, segundo m'o dizia o meu bom professor na sua carta, uma magnifica camada de um metro de espes-

sura (a que os mineiros chamam *possança*). É uma hulha gorda de primeira qualidade, de grande poder calorífico, muito propria para machinas. Já no seculo passado havia alli grandes trabalhos, tendo-se aberto extensas galerias até 100 metros abaixo do fundo mar, porque a camada de carvão prolonga-se por debaixo do oceano. Os trabalhos tem actualmente adquirido algum desenvolvimento, pequeno porém em relação áquelle que poderiam e deveriam attingir. Em 1878 a mina empregava 30 mineiros, 40 homens trabalhadores, 10 rapazes, 8 mulheres e 6 cavallos e produzia assim por mez 450 toneladas de mil kilos de carvão, ou 450.000 kilogrammas.

Tal é o valor enorme d'este jazigo, que alguns sabios estrangeiros julgam que se poderá extrahir d'elle quatro a seis milhões de toneladas, e segundo a opinião do defunto engenheiro Carlos Ribeiro, poderiam extrahir-se por anno vinte a trinta mil toneladas de mil kilos!

«Esta é a idéa geral da importância de uma mina de carvão, ainda das que são pequenas como a de Buarcos. Quanto á descripção da mina será objecto demorado dos nossos serões no proximo inverno, nos quaes conto achar-me em Lisboa e receber amiguadas vezes o prazer das tuas visitas.»

VICTOR RIBEIRO.

## O PINHEIRO

(CONTO DE ANDERSEN)

(Conclusão)

— D'onde vieste? então que sabes? viajaste muito por esse mundo? Então já sabes onde são os armarios e a dispensa, onde ha muitos queijos postos em taboas, e presuntos pendurados, onde se entra magro e d'onde se sahe gordo?

— Não conheço essas cousas, mas conheço a floresta onde o sol brilha e onde as aves entoam os seus gorgeios, — e contou-lhes a sua mocidade, a sua vida na floresta.

Os ratos, que não tinham ouvido cousas semelhantes, exclamaram:

— Que feliz tu és por ter visto tantas cousas!

— Sim, disse elle, n'esse tempo, é verdade, era eu bem feliz! — E contou-lhes ainda os successos da noite do Natal, sem se esquecer de descrever mudamente a magnificencia com que o haviam ornado.

Os ratos escutavam-no com prazer.

— Tu sabes contar d'um modo tão agradável!

No dia seguinte voltaram com quatro companheiros para que o pinheiro lhes contasse a sua vida. A arvore tornou a contar e accrescentou em voz baixa estas reflexões:

— Sim, sim, eram bons tempos aquelles, e quem sabe se voltarão. Cloumpe-Doumpe cahiu por uma escada abaixo e casou com uma princeza — e dizendo isto lembrava-se d'uma giesteira que havia na floresta e que parecia uma verdadeira noiva com o seu véo branco de mimosas transparencia.

Na seguinte noite teve elle um auditorio ainda

mais numeroso, e no domingo vieram tambem duas grandes ratazanas para o ouvir.

— Só sabes essa historia? perguntaram as ratazanas.

— Só esta, e a noite em que a ouvi pela primeira e ultima vez foi o mais feliz momento da minha vida.

— Não é lá muito interessante; não sabe nenhuma que falle do toucinho, da dispensa, das velas de cebo?

— Não, não sei, respondeu a arvore.

— Bem, bem, obrigado, tenha saude, disse-lham as ratazanas e voltaram para as tocas.

Os ratos desapareceram tambem e a arvore ficou de novo sózinha.

— Era bem agradável, dizia o pinheiro depois, quando os ratinhos vinham sentar-se em roda de mim para ouvirem a minha historia; tambem isso acabou! Quem me derá fóra d'aqui!

Uma manhã vieram os criados e levaram-no para o pateo.

— Revivo emfim, pensou a arvore, sentindo o ar livre e os raios do sol; e, na sua alegria esqueceu-se de olhar para si, para os seus ramos seccos sem franças nem verdura. O pateo confinava com um magnifico jardim: As roseiras, as clematites, as baunilhas entrelaçavam-se nas grades, o ar estava embalsamado de agradaveis aromas. As andorinhas voavam por entre as tilias.

— Sinto de novo a vida, pensava elle, sem reparar nos seus ramos seccos e nós, sem reparar nas ortigas que o rodeavam. De todas as maravilhas do passado só lhe restava a estrellta dourada, brilhando ao sol. No pateo brincavam algumas das alegres crianças que pelo Natal tinham dançado em roda do pinheiro. Uma correu para o pobre pinheiro, saltou e arrancou a estrellta.

— Olhem o que eu achei n'este pinheiro velho, gritou o pequeno caminhando sobre os ramos que estalavam e se partiam. A arvore examinou-se então, reparou em si; achou-se tão feia ao lado das arvores que verdejavam e floreciam; desejou estar ainda no canto do sotão; recordou-se então, cheia d'amargura, da sua mocidade viçosa passada na floresta, e nas passadeiras glorias da noite do Natal.

— Misero, infeliz de mim, pensava elle, tive a felicidade e não soube gozar-a. Tudo acabou para mim.

Veiu depois um criado, cortou o pinheiro em bocados, fez um feixe, levou-o para a cozinha e metto-o no fogão. Instantes depois, do ambicioso pinheiro só restava um punhado de cinzas.

A historia d'este pinheiro é a de muitos homens. Felizes na condição modesta em que nasceram, desconhecem a sua felicidade; a vaidade e a ambição os levam para longinquos paizes. Como as arvores a quem falta o solo e o clima natal, vão morrer sobre a terra estrangeira, lastimando, mas muito tarde, a sua louca ambição.

GABRIEL PEREIRA



PALESTRA COM MIMI

## VERSOS AO JULIO

## PALESTRA COM MIMI

— *Mimi*, tenha sizo,  
Socegue um momento!...  
Que aborrecimento,  
Que raiva, que seca...  
Não para? não quer?  
Que feia menina!  
Não ha mais ladina  
Mais negra boneca!

— Escute uma coisa:  
Assente-se aqui  
E esteja, *Mimi*,  
Quieta um bocadinho.  
Se acaso se meche,  
Se mais se balança  
Desmancho-lhe a trança  
Do seu penteado...

— Se ouvir os conselhos  
Da sua mãe,  
Prometto amanhã  
Vestil-a de branco;  
Porém, se os despreza,  
Se manja commigo,  
Vae já de castigo  
Pra cima d'um banco...

— Ouviu?... Ora bem...  
Conserve-se assim,  
Se quer ter de mim,  
Meiguice e carinho...  
E pois que o relógio  
Já deu uma hora,  
*Mimi* vae agora  
Fazer *óstinho*...

— E em quanto tu dormes,  
*Mimi* adorada,  
Da cama estofada,  
No fofu colchão,  
Eu pego nos livros,  
Deixando a palestra,  
Pra logo na mestra  
Saber a lição...

D. MARIA DO Ó.



## O CAPITÃO VENTURA

Vou-lhes contar porque razão este individuo mereceu — com justiça — a antonomazia de *Ventura*.

Chamava-se José Vellasco, e era filho de paes pobres, que apenas possuiam umas casitas e uns campitos que cultivavam por suas proprias mãos; porque, se os arrendassem, não lhes chegava a renda nem para metade do anno.

Felizmente, não tinham senão um unico filho, que era o tal nosso amigo José Vellasco.

Quando elle tinha apenas dois annos, deixaram-o seus paes a dormir no berço e foram semear batatas na horta, deixando a porta da casa apenas encostada.

Por acaso passou por alli, sem ser visto, um porco montez, que, cheirando-lhe a carne fresca, empurrou a porta, entrou na casa e foi direito ao berço do pequeno, com muito boa tenção de o devorar. Chega ao berço, dá-lhe uma trombada e malha com elle de cangalhas. A creança fica estatelada no chão, acorda e principia a gritar como um cabrito. O porco vae agarral-o, mas entaramella-se nas travessas do berço, que lhe fica a servir de gravata. Os paes, apenas ouvem o barulho e os gritos do *Zézinho*, em duetto com os grunhidos da fera, correm a casa, e ás enchedadas matam o porco, e o que entrou na casa com o cheiro na carne fresca, deu carne fresca á familia para muitas semanas, e salgada para quasi todo o anno, porque era um velho e respeitavel animalajo.

Aqui têm os meus meninos a primeira ventura do nosso José Vellasco.

Foi correndo o tempo, e o heroe d'este veridico conto chegou aos cinco annos de idade. Era muito lindo, muito meigo, muito intelligente e muito applicado, pelo que era o encanto, não só de seus paes, mas de quantos o conheciam. Naquelle curta idade, já sabia ler menos mal e principia a fazer umas garatujinhas a que tinha a modestia de chamar letras.

Foi então que teve logar a sua segunda ventura. Foi assim:

Um dia lembrou-se de ir aos rochedos da costa buscar mariscos, mas escorregou no musgo dos rochedos e cahiu ao mar, de uma altura de mais de 30 metros. Na mesma occasião as ondas tinham arremessado á praia uma grande camada de sargaço, que amparou na queda o pequeno, sem que este soffresse o minimo incommodo, nem mesmo susto, porque já era um menino destemido.

Levantou-se muito contente e foi andando em busca de local por onde podesse subir, até que, na cavidade de uma rocha cheia de agua que a maré tinha deixado na vazante, viu nadar uma grande e bella pescada. Depois de grandes diligencias, agarrou-a e a levou para casa, onde a mãe tratou logo de a amanharr para a ceia. Mas que alegria não foi a da familia, quando ao abrir-se o buxo do peixe, se lhe achou dentro um riquissimo anel de brilhantes, pelo qual um *riçaço* da visinhança lhes deu logo dois contos de

réis, com que compraram alguns campos, o que augmentou muito a sua modesta fortuna!

Outra vez (era de inverno) sua mãe estava bastante *encatarroada*. O sr. José Vellasco, que já então era um interessante rapazinho de oito annos, que já sabia ler e escrever muito bem e era muito estudioso, sabia que a avencra era um optimo remedio para o incommodo de sua querida mãe, e foi procural-a, para d'ella fazer um bom xarope.

Correu *Sécca e Mécca*, até que no *gargallo* de um poço, viu grande porção da herva que procurava. Sem estar com mais *aquellas*, decidiu ir buscá-la, mas, como era um menino previdente, para não molhar a roupa, no caso de cahir á agua, despiu-se completamente e desceu ao poço. Quando estava muito entretido a apanhar a avencra notou que a agua lá descendo, descendo, e elle tambem! As duas por tres estava em secco no fundo do poço, e devemos confessar que, apesar da sua coragem nunca desmentida, o rapazinho não estava lá muito contente.

Mas, que viu elle no fundo do poço? — uma porta que dava serventia a um bellissimo corredor, cujo pavimento era de um rico mosaico; as paredes, de pórfido, e o tecto de esmeraldas!

Entrou intrepidamente por aquelle corredor, e foi ter a uma maravilhosa sala, onde uma formosissima fada, vestida com esplendida riqueza, penteava as suas opulentas tranças d'ouro, com um pente de diamante.

Ao mesmo tempo, em uma toada maviosa e triste, assim cantava:

Ai! na Moirama nasci,  
na Moirama fui creada;  
e ha que tempos, n'esta terra  
de christãos 'stou encantada!!

Quem me dera ainda ver  
a Moirama onde nasci!  
Aquella terra de encantos,  
d'onde tão joven sahi!

Dera prata, dera ouro,  
dera riquezas sem fim,  
a quem me quebrasse o encanto,  
p'ra tornar a ver Çafim!

José, fascinado e já sem o minimo receio, respondeu-lhe na mesma toada:

Formosa fada mourisca,  
e terei eu poder tanto  
(pobre creança innocente...)  
que te desfaça o encanto?!

A fada, ao ouvir este canto inesperado, viu-se, e viu o menino, que em extasi a contemplava, e disse-lhe: — «Quem te trouxe a este logar, creança atrevida? Quererás porventura partilhar a minha triste sorte, e ficar eternamente encantado n'este subterraneo?»

— «Bella senhora, lhe disse elle, não desejo ficar aqui encantado, mas arrastarei qualquer perigo, tudo que me fôr possivel tentar eu o emprehenderei, para vos restituir á luz do sol e aos vossos parentes.»

— «Ai de mim, respondeu a fada, eu já não

tenho parentes! Estou aqui encantada ha trezentos annos, e na minha terra já ninguem me conhece, nem sequer sabe que eu existo! Tenho riquezas para comprar uma grande cidade, e de nada me servem. Dou metade ao mortal que me tirar d'aqui.»

— «Tenho a coragem de um homem, mas apenas a força de uma creança; se o serviço que exigis depender sómente da coragem, aqui estou; se é de força que se precisa, offereço-vos os serviços de meu paé.»

— «E terás tu coragem de me ferir?»

— «Oh! não! mas tel-a-hei para vos defender, até onde puder.»

— «Não é preciso um ferimento grave, basta fazeres-me correr a minima porção de sangue.»

— «Se é só isso, aqui me tendes.»

— «Vês aquelle movel? — aproxima-te d'elle, e dize: — *Aljaukar! Aljaukar! Aljaukar!* —<sup>1</sup> e as suas portas te serão abertas. Dentro acharás um punhal cujo cabo será uma esmeralda, e com elle me farás no braço direito um leve ferimento, e á mais pequenina porção de sangue que d'elle sahir, o meu encanto terminará.»

José cumpriu as ordens da fada, e o encanto terminou. Esta, abraçou o menino e lhe disse:

— «Livraste-me do captivoiro, e far-te-hei feliz. D'hoje em diante chamar-te-has *José Ventura*, porque eu te fado, não só com a riqueza, mas tambem com a felicidade. Deixei de estar encantada pela rainha das fadas, mas não deixei de ser fada. Eu sou filha do bravo *Aly-Ben-Tafuf*, o da Medida Cheia, o mais opulento senhor de Çafim, e guarda de todas as suas riquezas, que partilharei contigo.»

Dito isto, guardou em uma grande arca de sandalo, com ricos embutidos de marfim e madreperola, todas as suas riquezas, que consistiam em grandes diamantes, de uma agua bellissima, esmeraldas, saphiras, topazios, e toda a qualidade de pedras preciosas, de um valor incalculavel, dinheiro em grossas moedas de ouro, e grandes barras d'este metal.

Pronunciou certas palavras magicas, e logo, ella, José e a arca, ficaram completamente invisíveis para todos, menos para os dois.

Proferiu ainda outras palavras magicas, e n'um momento appareceram em casa dos paes de José Ventura.

A alegria d'estes, quando viram seu filho acompanhado de uma tão formosa e tão magnificamente vestida donzella, e uma arca com tantas riquezas, não é possivel descrever-se, mas pôde imaginar-se.

Então a moura lhes disse: — «Eu sou a fada Zeida, filha do bravissimo capitão *Aly-Ben-Tafuf*, e vou regressar á minha terra, que é Çafim, na Africa. Vosso filho quebrou-me o encanto, por isso, metade de todas estas riquezas são d'elle e vossas.» — E logo dividiu ao meio todo o conteúdo da arca. Ditas estas palavras, e outras que se não entenderam, por serem em arabe, desapareceu com a arca e o resto das riquezas.

<sup>1</sup> *Aljaukar*, é um substantivo arabe, que significa perola.

Eis os paes de José tornados não só ricos, mas riquíssimos. Podiam comprar todas aquellas terras; mas, como eram muito bondosos e summamente caritativos, preferiram tornar tambem ricos todos os seus visinhos, distribuindo por elles uma boa parte das suas riquezas, de maneira que não tornou alli a haver gente pobre.

Deus lhes recompensou estes actos de beneficencia, dando-lhes uma longa e pacifica vida, e, sobre tudo, um filho virtuoso, intelligente, sabio e corajoso, modelo e exemplo de todos os manebos do seu tempo.

Passados dez annos, tinha o nosso heroe 18, e estava instruido em todas as sciencias, pelo que, os seus patricios, que todos o estimavam muito, e lhe deviam todas as suas felicidades, tendo fallecido o capitão d'aquellas terras, o elegeram capitão, com o nome de *Sid-Mombaraque*, que significa *Senhor abençoado*; mas vulgarmente era mais conhecido por *Capitão Ventura*.

JOSÉ FERINO.



### ALEGRIAS

Um beberão cahiu uma noite na rua e adormeceu. Quando acordou de madrugada estava um cão a lamber-lhe a cara. O pobre diabo, ainda estonteado pelos vapores do vinho, cuida que está no barbeiro e diz ao cão:  
— Mestre, deixe-me ficar o bigode!

— Queres meio tostão por vinte cinco réis?  
— Pois não hei de querer!

— Então toma lá.

Deu-lhe o meio tostão e recebeu 25 réis.

— Falta o resto.

— O resto!

— Sim; faltam ainda quinze moedas de 5 réis.

— Não percebe.

— Pois é facil. Offereci-te meio tostão por 20 cinco réis.

— Ah! patife! agora entendo.

Riu muito e pagou.

Um policia foi encarregado de prender um taberneiro; mas este, para se escapar, teve artes de embebedar a auctoridade, que ficou para alli a dormir. No dia seguinte dizia o agente da força publica:

— Não ha policia como o vinho: prende até os proprios policias!

### HORAS ENTRETIDAS

206 — LOGOGRIPO

O devasso e o lascivo — 1 — 9 — 4 — 2  
Dá abrigo ao innocente 3 — 6 — 3 — 5 — 2  
Este deus que vês aqui — 1 — 2 — 1 — 2  
E ainda teu parente. — 3 — 2 — 9

Este agora é animal 1 — 2 — 3 — 2  
É fructo mas não da horta — 4 — 2 — 4 — 2  
É um peixe de Sofala 1 — 8 — 3 — 9 — 1 — 8 — 3 — 9  
Que eu já vi em uma porta 7 — 8 — 6 — 4 — 6 — 2

Agora quereis o conceito  
P'ro logogripho matar?  
É uma villa portugueza.  
Toca pois a matutar.

Monchique

CUNHA & C.<sup>a</sup>

207 — CHARADA DUPLICADA

Às directas, meu leitor  
É uma villa portugueza;  
As avessas é cidade,  
Mas da Arabia, com certeza.

Vizeu

Bêné.

208 — CHARADA

Sou medida mui uzada — 1  
Cá n'este mundo de Christo, — 2  
Moeda d'ouro antiga  
Mas agora não existo.

Vizeu

Bêné.

209 — CHARADA NOVISSIMA

No ovo não é mesquinha a bebida 2 — 1

Monchique

CUNHA & C.<sup>a</sup>

210 — CHARADA NOVISSIMA

No convento este appellido é flôr — 2 — 2

Lisboa

OS DOIS PYRILAMPOS.

211 — CHARADA NOVISSIMA

Na lyra e em Coimbra levanta-se esta cidade por ser  
planta — 1 — 1 — 1 — 2.

Lourosa

FLOR DE LOUROSA.

212 — CHARADA NOVISSIMA

Esta fructa no navio mette medo — 2 — 1

Monchique

CUNHA & C.<sup>a</sup>

213 — CHARADA NOVISSIMA

No quarto este animal é animal — 2 — 2

Lisboa

OS DOIS PYRILAMPOS

214 — CHARADA NOVISSIMA

Aperta na musica o meu parente — 2 — 1

Monchique

GASCON.

215 — CHARADA NOVISSIMA

É homem muito esperto este homem — 2 — 2

Porto

ZE FERINO.

216 — CHARADA NOVISSIMA

Esta haste que corre é passaro — 2 — 2

Lisboa

OS DOIS PYRILAMPOS.

### SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

201, Carapinha — 202, Carta, Certa, Cirta, Corta, Curta — 203, Mimoso — 204, Zerobabel, 205,

